

Migração e experiência estudantil: um estudo de caso.

*Thiago Reisdorfer*¹

Resumo

Historicamente o ensino superior brasileiro se concentrou em grandes cidades e capitais brasileiras. Se até o século XIX e ainda no início do século XX o envio de jovens para a Europa, em especial, Portugal, para a realização de cursos universitários foi comum, no século passado, foram construídas universidades em diversas grandes capitais brasileiras. No sudeste, com a USP, a UFF, a UFRJ e a UFMG, entre outras, se concentrou boa parte das mais importantes universidades do país. Somente no início do século XXI houve um movimento maciço de descentralização do ensino superior. Universidades, institutos federais, e universidades tecnológicas federais foram implantadas no interior de diversos estados. Estes, por sua vez, ampliaram a oferta de cursos, campi, faculdades e universidades estaduais por seu interior. Entretanto, este movimento não foi suficiente para o fim de uma das mais significativas características do ensino superior nacional: a migração estudantil como condição de estudo universitário. É à análise de elementos desse fenômeno, através de um estudo de caso, que dedicamos nosso olhar aqui.

Uma trajetória em movimento.

A narrativa de Antônio² a respeito da trajetória anterior ao ingresso na universidade foi dividida em duas partes: a primeira, quando foi solicitado que falasse livremente sobre si, foi conduzida a partir das migrações; a segunda, a partir de interrogações do entrevistador, foi conduzida a partir de suas relações familiares. Ambos os fios condutores apresentados foram ressignificados e deslocados para outros lugares quando a narrativa discorreu sobre o período da universidade. Assim, ele construiu uma rede de significação intrincada, no qual para que um aspecto fosse compreendido, o todo da entrevista teve que ser pensado para lidar com as questões específicas às quais aqui me dedico.

Começamos a análise de sua trajetória a partir da narrativa de migrações constantes vivenciadas por ele. Tais migrações foram ocasionadas “devido ao

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista Capes-DS.

² Os nomes do entrevistado e de outros citados em sua narrativa foram trocados a fim de resguardar a privacidade dos mesmos. Faz-se necessário apontar aqui que seu apelido, omitido por opção do autor, faz referência a sua origem regional.

emprego do meu pai e da minha mãe”³. Tanto seu pai quanto sua mãe eram, no momento da entrevista, bancários já aposentados. Seu pai, quando jovem, residiu no campo, tendo mantido uma propriedade rural como atividade paralela à de bancário, mesmo morando na cidade, até a sua ida para Francisco Beltrão (PR), em 1996. Quando solicitei que falasse sobre si livremente, sem nenhuma temática específica ele construiu a seguinte fala:

Bem então, assim, vou fazer um resumo. Nasci em Campina Grande, na Paraíba, no ano de 1983. Residi dos meus um ano de idade até os meus três em Barra de Santa Rosa, interior da Paraíba. Depois subi pra... Fui pra Bahia, onde morei em Mucugê, Chapada Diamantina e depois, logo em seguida, Abaíra, também na Bahia. Depois dali fui pra Rio Grande do Norte, em Touros, no litoral, onde morei lá até os meus 13 anos de idade. De lá viemos para o Paraná, aqui no caso. Na época a gente tinha a predisposição pra escolher entre Brasília, São Paulo capital, Cascavel, São José do Rio Preto e mais outra cidade que eu não lembro direito. Mas pelo fato de a gente até o momento ter morado em cidades pequenas... Até o momento a cidade maior que eu tinha morado seria Touros, com seus dez mil habitantes que tinha na época... A cidade escolhida foi Francisco Beltrão, pelo tamanho da cidade na verdade. Não foi pelo, por infraestrutura nem nada, na verdade pelo tamanho. E também ela tem uma infraestrutura boa, ótima na verdade, pra época, com seus quase 50 mil, no ano de [19]96. Daí fomos pra lá: - Já que a gente não conhecia nada do Sul, vamos conhecer o Sul. E na base assim, a gente, a vontade era só morar seis anos na verdade, a início. Só que não foi bem assim a história. Fomos ficando, ficando, ficando e estamos ali até hoje. No caso, inicialmente em Francisco Beltrão, como eu falei, e depois de [19]96 até 2000, acho que é até 2002. Quando o meu pai e minha mãe foram transferidos para Salto do Lontra, no Sudoeste. E eu morei só um ano em Salto do Lontra, eu e minhas irmãs, eu e a Flávia a início. Fabrícia morou mais, a irmã mais nova. No caso depois aí passamos no vestibular, eu e minha irmã do meio, a Flávia, e viemos para residir em Marechal Cândido Rondon, onde minha irmã cursava Educação Física e eu estou cursando até hoje Zootecnia.⁴

Na tentativa de reconstrução de sua trajetória, as migrações assumem o caráter de fio condutor. Os primeiros deslocamentos, ainda na infância, são narrados com objetividade. Conforme a experiência se torna mais próxima, a narrativa se torna mais complexa, denotando uma maior relevância subjetiva dessa memórias. Se aqui, as migrações são o fio condutor da memória, em outros momentos passam a surgir como projeto de futuro. Seus planos a respeito do período posterior à universidade seguiram a lógica da migração:

Não me formo esse ano ainda. Vou me formar no limite, que é oito anos. Vou usar todo o tempo disponível para se cursar, não jubilando, assim

³ Entrevista com Antonio, 26 anos, estudante do 5º ano do curso de Zootecnia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Originário da Paraíba, ingressou na universidade em 2003, quando se mudou, juntamente com sua irmã, da cidade de Salto do Lontra – PR, para Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de maio de 2010.

⁴ Idem.

espero, no fim. E depois só Deus sabe. Mas se fosse querer onde morar no final seria mais, ou a Bahia, mais precisamente em Luís Eduardo Magalhães, onde reside um tio meu, ou Mato Grosso, para trabalhar com gado de corte que é um grande sonho meu. Esse é o meu resumo.⁵

A migração assumiu a dupla função de fio condutor da memória narrada e de desejo construído para o futuro enquanto possibilidade de trabalho, onde o deslocamento para Marechal Cândido Rondon foi mais um momento do processo. Deste modo, a migração tal como apareceu foi a forma a partir da qual construiu um amálgama entre seu espaço de experiência e horizonte de expectativas (KOSELLECK, 2006, p. 305-329).

Ao ser estimulado a avaliar o processo de migração pelo qual passou, Antônio se utilizou de uma metáfora comum, mas que assume importantes sentidos: “Tem os dois lados da moeda”. Tal expressão pode ser sentida em toda sua narrativa, pois a todo o momento avaliou sua trajetória como tendo aspectos bons e ruins. Com relação aos deslocamentos, Antônio expressou:

Tem os dois lados da moeda. Tem o lado bom, que eu considero melhor ainda, você já vai entender o porquê, e o lado ruim. Bem, o lado ruim ele é assim: você chega num lugar, você reside cinco anos em média num lugar, você cria raízes, amigos, meios, laços e d’uma hora pra outra você se vê obrigado a literalmente se desfazer disso tudo, apesar de toda a, como eu posso dizer assim, mais... Toda a tecnologia, internet, MSN, celular, mensagem, todos esses meios, não... No começo é fácil, você tá ali no MSN direto conversando com seus antigos amigos e tal, só que depois vira uma rotina e você cai no esquecimento com as outras pessoas. Então, é uma vez ou outra que a gente se comunica. Porque a gente tem outras atividades, novos trabalhos. A gente não pode se ligar com o passado, porque senão a gente não sai do canto nunca. Então, essa é a parte chata desse processo de mudanças que eu tive em todo o decorrer da minha existência. Porque são vários, vários, vários, vários, vários, vários amigos que a gente deixa pra trás.⁶

A perda de contatos com amigos foi o que marcou mais profundamente suas memórias de migrações. As novas tecnologias de comunicação não dariam conta de suprir as necessidades afetivas geradas pelo distanciamento. Tal perspectiva não o impediu de se mudar para Marechal Cândido Rondon, abandonando por conta própria os amigos que possivelmente fizera em Salto do Lontra (PR) antes de ingressar na universidade. Assim, articula o desejo de manter os amigos com a necessidade de não “se ligar ao passado porque senão a gente não sai do canto

⁵ Idem.

⁶ Idem.

nunca”⁷. Logo após ter elencado o contínuo rompimento de amizades como um sentido negativo, Antônio se utiliza dessas relações para construir o sentido positivado para as migrações:

O lado bom que eu posso dizer assim, que eu considero, é as novas pessoas que você tá, que tá entrando pro seu círculo de amizades, suas interações, culturas, histórias novas, tudo esses negócios assim você aprende. Aprende muito, meu Deus do céu. Novos lugares, que nem já conheci, fora o Norte do Brasil, Amazonas, Acre tudo ali, o resto eu conheço de cabo a rabo, desde, que nem eu falo, de cabo a rabo literalmente. Rio Grande do Sul até Touros, que é onde eu morava antigamente: 4.600 km, acredito, não é bem isso, de extensão em linha reta. É muita coisa, muita coisa mesmo. Mas é isso, são as culturas novas. Que nem eu nunca, chimarrão eu conheci a primeira vez quando eu assisti o Globo Rural, quando eu vi, não sabia nem o que era. Chegando aqui foi um baita choque cultural em 96 porque eu já conhecia frio lá no Nordeste.

O fato de poder conhecer novas pessoas foi positivado. Deste modo, construiu uma dualidade, perder amigos/conhecer novas pessoas, dialógica que compõe sentidos ao mesmo tempo positivos e negativos atribuídos às migrações. Assim, se distanciar de antigos amigos somente foi subjetivamente possível porque iria imediatamente conhecer novos. A essa possibilidade adicionou o desejo de conhecer “culturas, histórias novas”. Buscando, deste modo, ampliar horizontes culturais e sociais. No intuito de justificar isso destacou que, com exceção da região Norte, conhece praticamente todo o restante do país. Tal colocação tem uma conotação legitimadora do processo de migração. Se, por um lado, fez com que ele se distanciasse de amigos, por outro, possibilitou que conhecesse novas pessoas e culturas. Dessa maneira, Antônio legitimou subjetivamente o processo em que foi inserido involuntariamente através das necessidades profissionais de seus pais. Entretanto, num segundo momento, isso foi assumido por Antônio, pois se deslocou para Marechal Cândido Rondon para fazer Zootecnia e de onde projetou novos deslocamentos e horizontes profissionais para si.

A migração apareceu diretamente conectada às necessidades econômicas de sua família que, sempre possuiu casa e carro próprios, bem como um padrão de vida relativamente alto, mas para manter tal status as migrações teriam sido necessárias. Tal necessidade foi imbricada à fala de Antônio, pois foi por uma necessidade de trabalho que projetou um possível futuro deslocamento para Luis Eduardo Magalhães (BA). A partir de necessidades laborais costurou sua trajetória

⁷ Idem.

de constantes andanças. Para legitimá-la utilizou, subjetivamente, a necessidade de se desligar do passado, novos amigos que aprecia conhecer e "culturas e histórias novas". O deslocamento para Marechal Cândido Rondon foi marcado por essas expectativas:

Se você vai assim, pra mim, agrárias, do meu jeito. Claro que eu não tenho mais essa, porque isso era uma ficção de moleque. Um moleque que entrou com 20 anos na faculdade e tal, isso era ideia de moleque. Hoje isso não combina mais comigo. Como eu vinha pra uma agrária, pra uma faculdade de agrárias, eu penso em encontrar mais o meu meio, o meu mundo. No sentido assim, um pessoal mais do meu jeito, com os mesmos pensamentos. No entanto, encontrei pouquíssimas pessoas que... Pra você ver, os meus amigos, quem são os meus amigos hoje, como é que eu posso definir meus amigos na época: Ricardo, um roqueiro, roqueiro, fazia agrárias também, mas nada a ver, gostando do Bob Marley, tem uma tatuagem dele, enorme do Bob Marley nas costas; o Carlos, um catarinense e tal; o Jean, uma pessoa mais velha, que já entrou com seus quase 30 anos na faculdade. Todos os opostos, todo o tipo de pessoal, que na época, com cabeça pequena, tinha um certo preconceito. Não que eu vou tratar mal, eu nunca tratei mal de ninguém porque você fuma droga, ou você não gosta do meu sertanejo e não sei o que. Mas com uma certa indiferença, não tem como ter convívio. Eu pensava que não tinha que ter convívio e o contrário, foram eles que vieram pro meu lado e os outros não.⁸

Antônio se deslocou para Marechal Cândido Rondon não apenas em busca da universidade. Viera também em busca de um grupo social idealizado. Esperava encontrar pessoas que ouvissem música sertaneja, apreciassem rodeios, tivessem os mesmos gostos. Para sua surpresa, o que encontrou aqui foi uma multiplicidade de sujeitos com referências culturais diversas. E foi nessa diversidade que ele se abrigou e foi abrigado. Esperava construir amizades com iguais, com pessoas que gostassem das mesmas coisas que ele, o que não aconteceu. Foram seus "opostos" que se aproximaram. Ao definir Ricardo como "roqueiro, fazia agrárias, nada a ver", Antônio revelou, por exclusão, um campo sociocultural idealizado que desejava encontrar. Seu desejo era se inserir num meio em que o "meu sertanejo" fosse predominante. Ao ter sua perspectiva frustrada, se articulou aos "opostos".

O ato de aderir a um estilo como meu remete a uma apropriação identitária do referido estilo. Tal apropriação levou a um estilo bastante diverso em si mesmo e que apenas a partir da curta referência é impossível definir. Entretanto, aponta para uma disputa cultural e simbólica no interior da universidade. A opção pelo "sertanejo" realizada por Antônio remete a raízes profundas ligadas à forma como

⁸ Idem.

se relaciona com sua família, em especial seus pais e avô. É interessante perceber como a escolha por Zootecnia foi narrada nesse processo.

Foi através de sua família, mais precisamente da relação com o pai e o avô, que Antônio explicou sua opção por Zootecnia e pelo estilo “sertanejo”. Quando perguntado sobre o tema, narrou:

Pelo fato de eu me identificar mais com agrária, animais de grande porte. Na verdade escolher Zootecnia, a influência maior foi do meu avô. Meu avô é meu tudo. Se eu sou assim, se eu ajo assim, se eu me visto assim é influência do meu avô. Meu pai sempre foi ligado à área administrativa, bancos e tal, apesar de ter a granja de gado de leite. Mas era uma pessoa que sempre vestiu terno, nunca usou uma bota, apesar de ter trabalhado a vida inteira dele na roça, mas sempre sapatos, camisas. Nesse ponto eu acredito que eu puxei do meu pai, camisas pólo assim, mais pro meu pai. Mas a grande influência que eu posso falar é do meu avô. Ele que me fez criar o gosto pela coisa. (...) Na verdade eu nunca quis Zootecnia, eu quis sempre Veterinária, mas como eu nunca consegui... E também não havia desistido até o momento. Em um belo dia meu vizinho, o João, o João fala pra mim: – Porque você não tenta Zootecnia onde eu estudo. Ele estudava, no caso aqui, em Marechal. Cursava Direito na época e eu morava no Salto do Lontra. Ele falou bem assim: – É parecido as coisas, é diferente poucas coisas, tenta, vai que você gosta. Tentei, gostei e hoje eu não troco pela Veterinária. Mas o motivo mesmo, direto, pra eu estar nessa área, é meu avô.⁹

Antônio afirmou que se identificava com Ciências Agrárias, um campo que congrega uma área de estudos relativamente vasta. Dentro da área duas possibilidades foram postas: por um lado a Veterinária, que seria seu desejo, seu sonho, que não conseguiu concretizar; por outro lado Zootecnia, aconselhado por um amigo, no qual ingressou e que hoje afirma que não mais trocaria por Veterinária. Tal resignificação ocorreu dentro da universidade. Se deseja um curso específico, idealiza uma determinada forma de ingresso na universidade, tal desejo tem de ser adaptado diante das possibilidades então apresentadas. Essas possibilidades foram, ainda, negociadas com as famílias, amigos e com os próprios desejos pessoais.

Mas, vejamos como Antônio narrou a construção de seu desejo pela área de agrárias, a qual remete à influência do avô, visto que Zootecnia foi a opção sentida como próxima da ideal. Para narrar como construiu seu gosto por Zootecnia, Antônio se utilizou de diferenças de comportamento entre o pai e o avô:

Na verdade, pra fazer um rápido exemplo, assim, cronologicamente, eu lembro que com um ano... Flashes assim que eu lembro. Eu lembro que um dos primeiros presentes que eu ganhei foi da minha vó, foi uma

⁹ Idem

galinha com pintinhos coloridos, como vendia nas feiras naquele tempo; do meu avô eu lembro que eu ganhei um bezerrinho; do meu pai eu ganhei uma coleção inteira de livros de leitura. Já começa por aí que os livros de leitura, de desenho, Ciranda Cirandinha e lá pedrada, Pica-Pau, Bela Adormecida, A Bela e a Fera, esses contos de fada e tal. Eu lembro que mais pra frente eu, com seis anos, mais recente assim na época, eu lembro que eu ganhei do meu avô um bezerro mais adulto. No caso um garrote, um novilho. Meu pai simplesmente me deu um livro, um livro mais assim, mais interessante, não lembro o título. Mais pra frente assim com dez anos eu ganhei do meu avô uma espingarda, uma espingarda de pressão, que foi do meu tio e veio pra mim. Do meu pai, eu ganhei um violão. Mais pra frente, vai, vai, acho que lá pelos meus 13 anos de idade o meu vô me dá um conjunto de, acho que é... Não, voltando assim um pouquinho no tempo, eu ganhei um cavalo... Na mesma época, dos meus dez aos treze anos, eu ganhei um cavalo... Quer dizer antes, aos oito anos de idade mais ou menos eu ganhei um cavalo e meu vô começa a me treinar pra vaquejada, um esporte nordestino. E ali acho que começou o porquê de eu gostar do sertanejo, dessas coisas, bota, tudo que é ligado a esse meio.¹⁰

Antônio narrou sua trajetória a partir dos presentes que ganhou do pai e do avô. Enquanto que o pai, na época bancário, presenteou-o com livros e um violão, o avô o presenteou com artefatos ligados à vida no campo, como animais. Além disso, o avô foi quem o ensinou vaquejadas. A rememoração está inserida num contexto narrativo específica. Tenta justificar o fato de seu avô ter criado nele o gosto por agrárias. Há uma ligação muito forte entre ele e os avós, tanto que a morte da avó foi narrada, em outro momento, como uma das experiências que mais o abalou. Assim, se seus pais deram a ele suporte financeiro e psicológico, coube aos avós, em especial o avô, o exemplo de vida. Tal inspiração não retirou do pai a centralidade em sua vida, mas deslocou o sentido de exemplo para a figura do avô. Ainda nesse sentido, é interessante notar que os presentes do avô foram contrapostos, não como antagônicos, mas como divergentes em relação aos presentes dos pais. Nesse sentido, serviram como ilustração de dois conjuntos de projetos e desejos diferentes para sua vida. Se, como podemos perceber, o pai desejou introduzi-lo nas “letras”, seu avô desejou introduzi-lo no modo de vida “sertanejo”. O que ocorreu com Antônio foi a imbricação subjetiva de ambos os desejos. O caminho escolhido para a sua vida partiu desse conjunto de construções. Se, por um lado, o caminho escolhido foi as “letras”, a universidade, desejo de seu pai, a forma de trilhá-lo foi a partir do modo de vida “sertanejo”, com a Zootecnia. Os presentes lembrados ilustram essas posições diferentes, mas complementares.

¹⁰ Idem.

Sem dúvida, recebeu outros presentes, tanto do pai quanto do avô, entretanto foram rememorados estes, silenciando todos os outros possíveis. Os presentes ilustram também a representação construída por Antônio a respeito dos desejos de seu pai e seu avô sobre ele. Interessante foi que sua mãe desapareceu dessa sequência narrativa e sua avó apareceu apenas em uma referência à morte dela. Tal fato visibiliza uma intrincada rede de sentidos nas relações impossível de ser aprofundada neste momento. Entretanto, é necessário lembrar que foram os homens, pai e avô, os caminhos a serem seguidos, tornando invisíveis as respectivas mulheres.

É nessa rede de relações que o gosto pelo “sertanejo” e por “tudo que é ligado a esse meio” surgiu. Se foi no seio familiar que nasceu seu desejo pela universidade foi também nele que foi narrada “uma experiência maravilhosa”: o ingresso na universidade:

Mas, posso dizer assim, boa mesmo foi quando eu passei no vestibular, isso foi uma experiência maravilhosa, não tem preço, não tem nada que pague ver a felicidade dos meus pais assim na época.^{72 11}

Foi no vestibular, experiência narrada como maravilhosa, que esse processo culminou. É interessante notar que o motivo da felicidade narrada foi a de seus pais. De forma interessante, ao ser perguntado sobre experiências marcantes, foi lembrado o vestibular, motivo de felicidade e o orgulho dos pais e não outros tantos.

O ingresso na universidade, no caso de Antônio, esteve entremeado por uma complexa trama de relações. Passou por várias experiências, que culminaram no vestibular, mas em outros momentos e noutros lugares. Nesse sentido, a universidade apareceu num contexto de migrações, onde se colocou como mais um deslocamento necessário; também aparece como concretização dos desejos de seus pais expressados a contrapelo pela sua alegria com a passagem no vestibular. Esse momento constrói um amálgama de emoções onde aparecem a trajetória aparece sintetizada. Os desejos de estudo do pai, o gosto pela vida do campo do avô e a experiência de migrações, não como percalço, mas como sua forma de inserção social se condensam aqui. Aparece ainda como a universidade desejada, idealizada por Antônio e, por último, foi uma universidade possível dentro da realidade vivida

¹¹ Idem.

por ele, em que teve de negociar sua inserção não pela porta desejada, Veterinária, mas pela porta possível, Zootecnia; não no meio social idealizado, o “sertanejo”, mas no meio possível permeado pela multiplicidade de grupos sociais. Assim, a universidade não assumiu um sentido único, homogêneo e linear, mas múltiplo, em diálogo com a perspectiva de onde partia a narrativa.

Considerações finais.

A migração surgiu nessa narrativa como eixo estruturador da memória e da significação da experiência universitária de Antônio. Como pontuado no início do texto, os deslocamentos necessários para a realização de um curso superior ainda são bastante expressivos no contexto universitário brasileiro. Tal experiência, apesar de pouco abordada, recebe reforços institucionais em programas como o SISU, projeto do governo federal que permite, através do ENEM, uma unificação na seleção para o ingresso no ensino superior brasileiro. Essa forma de seleção abre novas possibilidades de migrações estudantis, pois permite ao estudante a concorrência em qualquer universidade federal do país sem sair de casa. Dessa forma, a circulação estudantil pode se tornar um lugar comum ainda maior, mesmo com a interiorização das instituições de ensino superior realizada a principalmente nos anos 2000.

Se a trajetória de Antônio permite a visualização de significações construídas pela migração em trajetórias estudantis, a mesma não pode de maneira alguma ser generalizada. Sua narrativa é fortemente marcada por uma memória de migrações realizadas a partir das necessidades de seus pais. A migração feita para a realização do curso superior aparece como uma continuidade numa memória de múltiplas migrações. Isso leva à, como dito, não possibilidade de generalização dessa análise. Em grande parte das trajetórias analisadas em outros momentos (REISDORFER, 2013; REISDORFER, 2014) a experiência da migração devido a universidade aparece como uma ruptura nas memórias dos sujeitos. Nesse sentido, espero que a discussão dessa trajetória possa contribuir para os estudos relacionados a migrações, em especial, as estudantis.

Bibliografia.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LUZ, Jackeline Nascimento N. da. VELOSO, Tereza Christina M. Aguiar. Sistema de Seleção Unificada (SiSU): Refletindo Sobre o Processo de Seleção. In: Revista Educação e Fronteiras On-Line, v.4, n.10. Dourados-MS. 2014. P. 68-83.

MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações e Mobilidades: Repensando Teorias, Tipologias e Conceitos. In: Migrações : implicações passadas, presentes e futuras. Editora Cultura Acadêmica, São Paulo – SP. 2012.

REISDORFER, Thiago. Uma Universidade, Várias Trajetórias: (Des)Caminhos para o Ensino Superior. In: Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014. P. 115-135.

REISDORFER, Thiago. UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2000-2010. In: Tempos Históricos. V. 17, 2º semestre de 2013. P. 314-343.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das Migrações Internacionais. In: Anais do XII Encontro nacional da ABEP. 2000.